

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	30.º Anno — XXX Volume — N.º 1036	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte ...	3\$800	1\$900	640	120	10 DE OUTUBRO DE 1907	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) ...	4\$200	2\$100	720	144		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	840	172		

## A Campanha contra os Cuamatas — Victoria das armas portuguezas



MAJOR JOSÉ AUGUSTO ALVES ROÇADAS

COMANDANTE EM CHEFE E ORGANISADOR DA EXPEDIÇÃO MILITAR



CAPITÃO EDUARDO MARQUES

CHEFE DO ESTADO MAIOR E SEGUNDO COMANDANTE DA EXPEDIÇÃO MILITAR

### Chronica Occidental

Ao ministro da marinha:

«Loanda, 6 t. — Vencido Cuamato Grande. Depois de abastecer o forte D. Luiz de Bragança com vinte e dois dias de viveres, a columna marchou contra a embala do Cuamato Grande, que foi tomado hoje, após resistencia grande do inimigo.

«Soffremos baixas, dois mortos e quatorze feridos sendo cinco gravemente.

«O governador vae fazer fala ao povo para se apresentar sob condições. Caso não se apresente tenciona fazer razias na região.

«No Cuamato Grande vai ser estabelecido um forte para affirmar o nosso dominio effectivo.

«O governador Roçadas tenciona regressar bre-

vemente para o Humbe, d'onde se abastecerão os fortes do Cuamato com sete mezes de viveres.

«Considero a campanha terminada.

«Felicito V. Ex.ª e o governo.

(a) O governador, *Henrique Couceiro*.

Era assim o telegramma que tamanho jubilo veiu espalhar no paiz inteiro. A guerra deve estar proxima do seu fim, e, mais uma vez, o nosso soldado, o melhor da Europa, como já lhe chamaram, confirmou seus credits gloriosos. Mais um nome de official portuguez fulgura na grande lista que começou pelos arrojados conquistadores de Ceuta: o do major Roçadas. E brilhante a historia dos portuguezes em Africa; seu fulgor não parece querer apagar-se.

Está Loanda em festa. Em muitas terras de Portugal foi a noticia recebida festivamente.

Mas veiu enfim publicada a relação dos mor-

tos, e confrangem-se os corações, quando se pensa que tantas lagrimas são preço d'uma victoria. Morreram tres officiaes, cujos nomes já tinham vindo publicados, vinte e seis praças europeias, tres praças indigenas e quatro condemnados, os quaes se não souberam viver, puderam, ao menos, com uma morte gloriosa, limpar a mancha que lhes embaciava a memoria.

A Africa tem sido o assumpto do dia, desde a chegada do Principe. Pouco disse a este respeito na passada chronica, porque era cedo de mais; pouco agora direi porque é tarde; mas não deixarei de referir-me á importante entrevista que um dos redactores do *Seculo* conseguiu do sr. ministro da marinha.

Referindo-se á passagem do Principe pelas colonias britannicas e á fórma por que foi aclamado em todos os pontos d'esse vasto imperio, affirmou que, por mais d'uma vez, as mensagens das camaras municipaes se referiam á recente organisação

da provincia de Moçambique como dando a essa provincia os elementos necessarios para poder entrar na familia sul-africana. Falou com enthusiasmo da provincia de Moçambique, de S. Thomé e Cabo Verde, do planalto da provincia de Angola e do porto do Lobito, que diz dever ter para a Africa central um futuro igual ao de Lourenço Marques na outra costa. O sr. Ayres de Ornellas deseja fazer no proximo anno, uma nova visita á Africa Occidental e assevera que, dentro de dez annos, deverá ser formidável o imperio dos portuguezes na Africa.

Tem sido muito discutida pelos politicos a viagem do Principe Real, e, decerto, muito mais o fóra em tempos mais calmos. Tem-se as attentões distraído por variadissimos assumptos, entre os quaes, de maior importancia, a reunião dos progressistas em casa do sr. José Luciano de Castro, na Anadia, e os preparos para a eleição do futuro successor de Hintze Ribeiro como chefe do partido regenerador.

—Ao sr. Pimentel Pinto, como presidente da commissão executiva do partido regenerador, foi enviada a nota da resolução tomada na reunião da Anadia. Os antigos ministros regeneradores, reunindo no centro, resolveram por unanimidade não tomar resolução nenhuma, por isso que brevemente se deve proceder á eleição do chefe. Deve esta realisar-se no proximo dia 12, havendo já sido apurado o corpo eleitoral e sancionada unanimemente a qualidade dos votantes, cuja lista veiu publicada no *Noticias de Lisboa*. Os dois candidatos, srs. Julio de Vilhena e Teixeira de Sousa, depois de varias conferencias chegaram a um accordo. Parece certa a eleição do primeiro.

N'outro paiz que não fosse o nosso e onde estivesse mais desenvolvida a mania das apostas a muitas a chefatura de agora haveria dado lugar. Mas o portuguez raras vezes toma estas questões a peito e não se deixa interessar pelo jogo quando este não seja o monte ou a roleta. Se o vicio lhe estivesse enraizado, optima occasião teria tido agora com o *raid* promovido pela *Illustração Portugueza* e que foi levado com grande brilho por alguns officiaes do nosso exercito. Venceu o tenente Beltrão, que, na tarde de 4 de outubro, foi o primeiro a chegar ao Campo Grande, havendo percorrido 1360 kilometros em 17 dias duas horas e 20 minutos. Uma gloriosa media de quasi 80 kilometros por dia!

Pouco depois do tenente Beltrão, chegaram o alferes Callado e o tenente Silva Reis, e, ao escurecer do dia, os officiaes André Reis, Peixoto da Silva e José Jara de Carvalho.

Um resultado brilhantissimo, como se vê.

Não farão menor figura os cavalleiros da segunda secção, cujo percurso medio será talvez ainda mais rapido que o dos seis distinctos officiaes.

Domingo passado fez-se uma parodia engraçada a este certamen. Uma corrida de burros montados por barbeiros, havendo os gericos trotado sem incidente de maior, desde Lisboa até Cascaes.

O verão vai no fim, e é preciso aproveitar estes ultimos dias. Já em Lisboa estão quasi todos os theatros abertos. As regatas de Cascaes marcarão talvez, com uma ou outra toirada, muito arriscada a contra-annunciação, o final das festas estivaes. O inverno já se annunciou com seus rigores. O Principe desembarcou sob uma chuva torrencial e a familia real desistiu de regressar a Cascaes no *yacht Amelia*. O vendaval produziu varios estragos por esse paiz fóra, sobretudo na Nazareth, cuja villa ficou atulhada de areias arrastadas pela força das aguas.

Voltou, porém, o tempo sereno, e o outomno com suas melancolias e os tons pallidos dos seus crepusculos, volta a inspirar os poetas quarentões, que já não se atrevem a cantar a primavera. Esta entontece-os ainda, mas desafina-os. Mais com o pensar d'elles está o vento nos pinheiraes, cantando em tom menor, está nas praias o murmúrio doce das aguas do oceano.

O mar tem agora o seu tempo de maior belleza. Vi-o ha dias, do alto dos rochedos, na Praia das Maças, onde tinha ido procurar Alfredo Keil, com a má noticia de que elle havia peorado. Mas a casa já estava abandonada, já o que ali sonhou tanta coisa d'arte havia retirado para Lisboa, assustada a familia, com o aggravamento da doença. A casa tão amorosamente edificada sobre as rochas, e a capellinha, que lhe fica ao lado, nunca mais haviam de ver o grande artista.

Retirei para Lisboa e logo o fui procurar na casa da Avenida, que, tres ou quatro dias depois, tambem elle havia de deixar, embarcando para Hamburgo, onde um especialista notavel lhe fez difficil operação aos pulmões. Um telegramma animador foi de perto seguido por outro que nos annunciava a morte do amigo querido.

Alfredo Keil era uma natureza de artista, sempre lutando pela arte em todas as suas manifes-

tações. Era um patriota tambem. Sempre as coisas portuguezas lhe inspiraram o estro e por ellas revelou o maior amor. A paisagem da nossa terra deu-lhe os melhores quadros; em assumptos portuguezes se inspirou para compôr a *D. Branca*, a *Irene* e a *Serrana*; tempos que passou nos Valles, no caminho de Thomar para a Certã, um dos pontos mais bellos do paiz, forneceram lhe assumpto para o seu livro inedito, mas já em composição ha tempos, e ha de conter seus melhores versos. Elle compoz a cantata *Patrial*, elle foi o auctor da *Portugueza*, que ha dezasete annos, tanta vez comoveu o publico apoz o ultimatum inglez.

Fizera os versos Henrique Lopes de Mendonça. Tambem este soffreu com o dolorosissimo golpe da morte da virtuosa esposa. Um triumpho lhe havia juntado os nomes Quanta vez os aclamaram n'esse tempo! Agora ás duas familias dos artistas temos que endereçar os nossos pesames. Fazemol-o com o coração maguadissimo.

JOÃO DA CAMARA.

## A campanha contra os cuamatas

VITORIA DAS ARMAS PORTUGUEZAS

Ha pouco mais de quatro menses, nos principios de junho, partio para o Sul de Angola uma expedição militar composta por uma companhia do regimento de infantaria 12 na força de 250 praças, sob o comando do capitão Francellino Pimentel com os subalternos tenentes Beirão e Figueiredo e alferes Passos e Bicudo, a qual recebeu instrução na Escola Pratica de Infantaria durante 35 dias.

Com esta força partiu tambem uma companhia de infantaria de marinha, o que soma ao todo uns 500 homens. A modesta expedição europeia foi juntar-se a forças do exercito de Africa compostas de duas companhias europeias da provincia, uma companhia organizada com praças do batalhão disciplinar de Angola, 4 companhias de indigenas, uma companhia de indigenas de Moçambique, 2 esquadões de cavalaria, de 155 praças cada um, 5 metralhadoras e mais material de artilheria, etc.

Esta expedição formava a columna de operações contra os cuamatas, sob o comando do capitão Alves Roçadas, que a organizou como fez o plano da campanha.

Não faltou quem agourasse mal de uma expedição tão resumida para ir combater inimigo tão aguerrido e numeroso, e vingar a traiçoeira derrota soffrida pelas armas portuguezas, ha tres annos no Humbe, em que se perderam 260 homens entre soldados e officiaes.

A imprensa estrangeira tambem se referiu desdenhosamente a esta expedição, talvez fundada nos grandes reveses que as tropas alemans haviam soffrido em Africa, na luta com os indigenas da colonia visinha ao sul, da mesma raça e indole, os ovampos, de que são os cuamatas, cuanhamas e ereros, luta que tem custado á Alemanha alguns milhões de marcos gastos em expedições que atingem a uns vinte mil homens!

A Providencia, porém, velou pelos portuguezes, e mais uma vez veiu provar quanto esta raça é resistente, através de todas as inclemencias, permitindo-lhes uma victoria quando tanto havia a reccar pela sorte de nossas armas.

Já assim acontecera nas modernas campanhas de 1895 a 1897 do Gungunhana e dos Namarraes,

Então como hoje os soldados portuguezes tiveram de bater-se em grande desigualdade numerica, em paiz estranho, por desbravar e sob um clima ardente, depauperador das forças.

A resumida columna de operações portugueza tinha que defrontar-se com um povo bravo, da peor especie, munido de armas modernas, regularmente disciplinado e de incomparavel superioridade numerica, pois podia dispor de trinta a cinquenta mil homens.

Uma temeridade! dirão muitos.

Entretanto não foi uma aventura incalculada o que se praticou. Desde a derrota soffrida em 1904, que o governo portuguez, principiou a preparar a desforra, e a organizar uma expedição militar, que não seria demasiado numerica para o inimigo que tinha de bater, mas que se tornava assaz dispendiosa para os nossos recursos financeiros. Além disto a occupação do paiz dos cuamatas não se podia fazer tão de improvisado, pois havia a lutar com as grandes distancias para lá chegar, internado a umas 200 leguas da costa.

Assim, para marchar com mais segurança, era preciso ir por partes, occupando e estabelecendo postos militares, o que se fez, principiando por as-

segurar a passagem do Cunene, pela construção do forte no vau do Mucondo e o de D. Luis Filipe nas margens daquelle rio.

Estes fortes foram construidos segundo o plano do governador da Huila o sr. capitão Alves Roçadas e foi por fim este o encarregado de planejar a campanha e organizar a expedição, o que só ficou definitivamente resolvido em meados de 1906, havendo contudo já trabalhos preparados, muito especialmente sobre a escolha de algum material de guerra, e de estudos que garantissem a marcha da columna de operações.

Poderá, portanto, ter sido ousado, mas não temerario o plano da campanha; poderá ter-se confiado demasiadamente na nossa boa estrella, como no valor do soldado portuguez, de que Napoleão, o Grande, dizia, na Russia, com respeito á legião portugueza «Com cem mil homens destes conquistaria o mundo inteiro!» Mas o que é certo é, que a valentia e resistencia inquebrantavel nos nossos soldados conseguiu vencer todas as inclemencias do paiz onde operou e medir-se vitoriosamente com o inimigo, que acabou por derrotar a cargas de cavalaria e de baineta calada.

Isto succedeu depois de penosas marchas através de matagaes bravios ou sobre aréas esbraseadas pelos raios do sol queimante, com que tanto sofriam os homens como o gado que tinha de as pisar.

A columna de operações partio do forte Roçadas, no planalto, onde se encontravam todas as forças, no dia 26 de agosto, para o campo de acção. No dia 29 teve o primeiro encontro com o inimigo, de que resultou triunfo para as nossas armas, distinguindo-se sobre tudo o 2.º esquadão de dragões de Angola sob o comando do tenente sr. Alfredo Martins Lima.

Foi esta a primeira victoria.

Muitas horas de fogo teve a columna que sustentar em varios recontros com o inimigo, e na ultima acção, em que os nossos se assenhoriaram da embala do Cuamato, o fizeram debaixo do fogo do inimigo durante dez horas seguidas, tendo partido de Damuquero em 20 de setembro para chegarem a Alundo no dia seguinte.

Não foi, infelizmente, sem algumas perdas dos nossos que esta victoria se alcançou, como é triste sorte da guerra; essas perdas, porém, foram relativamente pequenas em relação as perdas do inimigo, cujas forças se calculam superiores a sete mil homens, de que uma boa parte ficaram mortos no campo e o resto se desmoralizou e fugiu por fim para os matos, tendo perdido o melhor de seus chefes.

Dos nossos ficaram mortos os alferes Joaquim Prats de cavalaria, Augusto Maria do exercito ultramarino, e Veloso de infantaria, tenente veterinario Pereira, tres soldados europeus e mais vinte e seis feridos, sendo quatro gravemente, e 10 indigenas.

Do alferes Prats aqui juntamos o retrato, que



ALFERES JOAQUIM PRATS

podemos obter, como o de um heroe que morreu pela patria.

São dignos das homenagens de todos os portuguezes os heroes que tomaram parte nesta gloriosa campanha, mas não sendo possível estampar aqui os retratos de todos, apresentamos hoje o do capitão sr. Alves Roçadas, commandante e orga-

nisador da columna expedicionaria, que tão gloriosamente viu coroado os seus planos de campanha, e o do capitão, sr. Eduardo Marques chefe do estado maior e segundo comandante da columna.

São benemeritos que a patria não deve esquecer até ao ultimo soldado.

Desde já o governo distinguio com o officialato da Torre Espada o capitão Roçadas, official tão instruido quanto valente, que desempenhava as funções de governador da Huila, pelo que conhece bem a Africa. Prudente, mas intrepido, elaborou o plano da campanha com raro criterio, prevenendo as eventualidades que se poderiam dar com o inimigo que tinha a combater, e as que poderiam resultar das, quasi insuperaveis dificuldades que o pais em que tinha de operar, oferecia.

Assim foi mais seguro em seu cometimento, e oxalá essa segurança o acompanhe até ao fim da campanha.

Esta primeira distincção conferida ao valente official, não desobriga o governo de outras recompensas com que o deve premiar.

A todas as mais praças que tomaram parte na acção é conferida a medalha D. Amelia das Campanhas de Africa.

Tudo isto é justo, mais justo seria se a estas recompensas andasse ligada alguma garantia para o futuro d'esses benemeritos, que exposeram a vida para assegurar a soberania portugueza naquellas terras de Africa e engrandecerem a patria, dilatando-lhe os seus dominios, que se achavam em risco de se perderem, se não fossem occupados pela nossa bandeira, e a Alemanha tivesse de intervir para defender a colonia que ali tem visinha e que os cuamatass inquietavam com os seus assaltos.

Esta campanha não foi mero capricho de ambição mal contida, mas uma necessidade de defender nossos direitos e provar que podemos manter completos nossos dominios colonias e assegurar o desenvolvimento do commercio, que se encontrava manietado pela inquietação que dominava a provincia.

Está vencida a parte mais importante da campanha, mas não poderemos levantar mão da partida, pois o inimigo é traiçoeiro e bravo e é preciso estar precavido para qualquer nova sortida.

Ao rever as provas deste artigo, chega nos a noticia telegrafica da completa vitoria das armas portuguezas, pela tomada do Cuamato Grande, depois de desesperada resistencia do inimigo, internado no mato, onde os nossos o perseguiram denodadamente.

Nesta acção final houve baixa de dois mortos e 14 feridos sendo cinco de gravidade.

Alegrias e tristezas, que as vitorias das armas não se alcançam sem serem tintas de sangue de heroes que se sacrificam no altar da patria.



O AUCTOR DO POEMA

### Apotheose Humana

M. Joaquim Dias

(Algumas palavras acerca d'elle, antes de falar a Critica)

Não direi que seja caso virgem, mas tem seu que de raro, o aparecimento nas montras das primeiras livrarias do pais, de um poema, que não tenha sido precedido do fatal e inevitavel livro de lyricas amorosas da adolescencia do auctor, além de mais um ou outro a seguir a este e com que se predispõe o redusido publico lédor de versos, a julgar e a assegurar-se do valor do creador do poema annuciado.

Assim como Theofilo Braga, quando surprehendera toda a gente aos seus 22 annos com a *Visão dos Tempos*, tinha deixado na ilha natal a sua estreia poetica — *Folhas Verdes* (um vol.) —, assim o auctor da *Apotheose Humana* deu a publico, na sua mocidade, um poemeto romantico — *Margareta* —; mas, tão desconhecido é este livro fóra da ilha onde nasceu (Fayal), como desconhecido ficará o volume de Theofilo além da ilha de S. Miguel, em quanto não foi reeditado em Portugal.

Não é facil de crer, efectivamente, que um poema seja estreia de um poeta; pelo menos, o poeta fayalense não abre excepção.

Anteriormente ao poemeto e depois, já a sua lyra nos dera algumas poesias soltas que se acham dispersas em jornaes e publicações literarias dos

Açores; e é agora que elle vae colleccionar-as (afirma). Agora... depois do poema!

Ingenuidades, simplicidades, alheias a tudo o que ha de pratico e commercial; distracções d'um sonhador, d'um visionario, que não vive terra a terra, como se faz mister para o bom governo da vidinha, seja pela gloria, seja pelo proveito!

E, revelando se ainda o mesmo homem, *reincidente no crime de d'abstracção*, eil-o, elle um desconhecido, elle portador d'um apelido plebeu, apresentando ao publico letrado o seu poema, sem a sonora e recurvada dedicatória a um, ou mais de um figurão social; sem o encomiastico pregão-preambular d'algum marechal das letras; sem o insinuante retrato, emfim sem nenhuma das *ficelles*, da convenção e do estylo, nas apresentações d'este genero.

Vejam isto: em uma carta, observei-lhe: «Parece-me conveniente que, no remate do prologo, não indique a sua residencia, sómente por— Quinta da Ermitagem —, mas esclareça, dizendo tambem a região a que pertence (embora sem as coordenadas geograficas), para que se saiba, em que ponto da superficie do globo terraqueo existe o auctor do poema. Olhe que pôde muito bem succeder, um ou outro leitor julgar que actual quinta é... na Lua.

Agora a resposta: «Muito intencionalmente escrevi apenas o nome da quinta onde vivo para que não se conheça onde é, assim como não se conhece o auctor quem é. Desejo arredar a minha pobre pessoa das referencias ao livro, quanto poder. Não tenho biografia. Vivo, como o amigo diz, como uma ave sobre um rochedo, em pleno oceano. E ainda d'esse rochedo bem pouco espaço percorro. O livro é que sae á estacada, entendam-se lá com elle.»

São adoraveis os poetas d'esta indole... não desfazendo nos pantomineiros.

Meu amigo Dias: pode diser de si com aquelle outro poeta que nasceu em Nazareth: «O meu reino não é d'este mundo.»

Alguma coisa desejava acrescentar da sua biografia; mas... o que hade ser?

— Felizes dos povos que não tem historia — diz-se proverbialmente. Pois se felizes são tambem os individuos sem historia, este é um d'elles.

Nascido na pequena ilha do Fayal, ahi, n'esse meio social educado e artistico, sem duvida, mas muito restricto, se lhe tem deslizado serenamente a existencia; e ainda lá, provavelmente, serão os vermes do cemiterio do Carmo, que lhe comerão a carne. Por signal, que não será caso para indigestões por parte dos respectivos vermes.

Diz elle, na mesma carta: «Faltam-me estímulos aqui, é verdade; mas, o que mais me falta é a saude, que nunca conheci perfeita. É o que ás vezes me admira: como pôde cantar a vida quem anda com a morte ás costas.»

Já vêem: o poeta da *Apotheose Humana*, tal como a maioria dos poetas, sofre de todas as doenças conhecidas no mundo sublunar... e seus arrabaldes.

Compreende-se claramente: entes, de seu natural desequilibrados, pelo excesso anormal de imaginação e sensibilidade, empregam frequentemente estas facultades na observação intima do proprio ser, objectivo e subjectivo; d'aquí o supor-se cada um d'elles, muito a serio, um tratado experimental de pathologia. E não vá lá nenhum medico contrariar-os, porque então elles, discutem, provam, gemem, tosseem, etc., etc.

Voltando ao *sujeito da oração*, direi para terminar: elle foi como toda a gente empregado publico; mas, um bello dia, deitou a manga d'alpaca ás ortigas e virou-se á agricultura como Herculano, não, tratando da azeitona mas sim de productos menos oleosos, taes como batatas, hortaliças, cereaes e outros não menos prosaicos. E tem sido nos intervallos da saccha, da monda, da ceifa que o poeta, abrindo as asas em alexandrinicos, tem percorrido em varios vôos o vasto cemiterio do Passado, fixando de preferencia os campos das batallas travadas em prol da Liberdade humana, da Justiça, do Amor e da Sciencia; isto é, da Verdade, do Bem e do Bello, como elle diz, terminando o poema.

Foi nestas jornadas retrospectivas que se gerou o poema *Apotheose Humana*.

D'esta tão distincta e sympatica individualidade do poeta, um traço unico me falta apenas acentuar: assim direi, que se n'ella alguma coisa ha superior ao talento é o caracter moral.

Altruista, os seus conterraneos tem aproveitado as suas excepçõaes qualidades, para os guiar e dirigir na pratica do principio associativo, do cooperativismo mutualista, coisas sem orientação scientifica na sua terra até á sua intervenção pessoal.

O que ainda não conseguiram d'elle, foi a anuencia para a inclusão do seu nome n'uma lista de votação municipal (a antiga instituição dos *homens bons dos concellos*). Não obstante, é certo, que essa inclusão lhe está reservada para o dia em que o povo fayalense consiga, como já consegue o da capital, fazer triunfar a sua lista contra a da colligação da *pelotiqueira*. Assim seja.

Adiante segue uma poesia solta colhida no seu cancionero disperso. D'ella escreveu outro poeta, publicando-a: «Formosissima na sua singeleza, ha n'ella notas verdadeiramente sentidas, observadas com a suave delicadeza d'um coração de artista. Pelo que diz respeito á forma, é d'uma inexcusable correção; assim, sente-se um doce prazer em ler aquelles versos moldados com tanto escrupulo, tão harmoniosos, onde a belleza da ideia revê na limpidez da forma.»

Vae tambem o seu retrato, reprodução de fotografia particular que possuímos. Não julgue o leitor que o mistificámos, oferecendo-lhe o retrato do maestro Puccini, o encantador musico da *Bohemia* e da *Tosca*, pelo do poeta: tanta é a semelhança.

Em um dos numeros a seguir, d'esta revista, daremos um trecho do recente poema.

Depois da apresentação, será dada a palavra á Critica.

HENRIQUE DAS NEVES.

### AS FOLHAS

Elle tinha cazado havia poucos annos,  
E as doces illusões de que vivera d'antes  
Occultavam-lhe ainda os frios desenganos.

Tem um fresco perfume os corações amantes  
N'este viver de amor, n'esta união sincera,  
Como pela manhã os laranjeas fragrantas.

Entre a esperança um dia ao seu cazaal viera  
Uma criança, assim como uma flor singella  
Que nasce com o sol da branda primavera.

Como da escola ingleza em caprichosa tela  
Um quadro de familia a respirar docuras,  
Isto que faz a vida apeteecida e bella,

Assim era o cazaal; vivia de venturas  
Que só tem a mulher no seio immaculado,  
No doce tumultuar de amores e ternuras.

Um dia este viver sereno e descurado  
Surprehende-o a morte e leva brutalmente  
O pai, que morre, enfim, com a filha ao lado!

Um beijo... um outro ainda... e palida, demente,  
A mulher na viuvez chorava tanto, tanto  
Que a filha tambem chorava inconsciente.

E abraçando se á mãe, tinha o supremo encanto  
Dos lances infernaes que a vida tem ás vezes  
Em que a dor sobe, sobe e se desata em pranto.

Volveu-se o tempo, enfim: correram alguns mezos,  
E eu passei por ali. Por dentro da vidraça  
Via-se a habitação falando de reveses...

Punha-se o sol do outono e a luz longiqua e baça  
Dourava tristemente a fria natureza,  
Indefinivel cousa o coração enlaça!

Corriam pelo chão as folhas da devesa  
Que ali ficava perto, e a meiga criancinha  
Cazava-se na rua á outonal tristeza.

Com as folhas corria aqui e ali, sosinha,  
E ria quando o vento as debatia forte,  
Um lenço preto atado á loura cabecinha.

A' Innocencia sorri até a mesma morte!  
Que importava á criança a mãe desventurada,  
Se as folhas vão correndo ás vibrações do norte  
E o lenço preto, enfim, não significa nada!



### O convento de Olhalvo e o seu actual possuidor

Do livro *Alemquer e seu concelho*, trabalho importante de investigação historica feito pelo sr. comendador Guilherme Henriques, respigamos a seguinte noticia sobre o antigo convento de Olhalvo hoje propriedade do sr. comendador Antonio da Cunha Abreu Peixoto.

O lugar de Olhalvo, uma das melhores povoações do concelho de Alemquer, está a uns 6 kilometros para N. O. da villa deste nome, com a qual communica por uma boa estrada. Tem 90 fogos e perto de 400 almas.

A igreja parochial pertenceu outrora ao Convento adjacente, fundado em 1648, por D. Manuel da Cunha, Bispo de Elvas, arcebispo eleito de Lisboa, e capellão-mór de el-rei D. João IV. Entre os seus priores conta-se Frei Belchior de Santa Anna, natural de Garrajal, no bispado de Lamego, que nasceu em 1602 e falleceu no collegio da Ordem em Coimbra, a 9 de novembro de 1664. Escreveu a primeira parte da *Chronica da Ordem*, que foi acabada por Frei João do Sacramento e Frei José de Jesus Maria.

No terremoto grande, de 1755, a igreja ficou completamente arruinada. A reedificação levou perto de 27 annos; porque tendo o convento apenas 1008000 réis de rendimento certo, o resto da despeza teve de ser costeado pelos fieis.

Quando, em 1834 os frades foram abolidos, este convento teve a sorte de muitos outros. Os paramentos foram repartidos por diversas igrejas; e a rica livraria do Bispo dispersa. Verdade seja que já estava bastante reduzida, porque elle, e depois d'elle a sua irmã e testamenteira, D. Marianna de Mendonça, tinham dado licença aos frades para venderem os livros que podessem dispensar.

A parte habitavel do Convento foi



M. JOAQUIM DIAS  
AUTOR DO POEMA «APOTROSE HUMANA»



COM. ANTONIO DA CUNHA ABREU PEIXOTO  
ACTUAL PROPRIETARIO DO CONVENTO DE OLHALVO

comprada em praça pelo Visconde de Fonte Arcada, que a cedeu depois a um official do exercito de nome Rezende, de quem passou ao barão de Alemquer. A este succedeu seu filho, o visconde do mesmo titulo, que vendeu o edificio ao actual proprietario o sr. comendador Antonio da Cunha Abreu Peixoto.

Da primeira venda a igreja foi exceptuada, sendo depois cedida pelo governo á Junta de Parochia, para servir de sede da freguezia. E' um edificio sumptuoso, cruciforme, de abobada, com cinco altares e um belo côro. Tem 30 metros de comprimento, quasi 12 metros de altura, e a maxima largura é de 7<sup>m</sup>,40.

Sobre a porta principal vê-se o escudo das armas dos Cunhas, seus padroeiros.

Os altares são todos de talha dourada e de grande beleza, embora bastante deteriorados. Nas

paredes ha diversos quadros a oleo, em riquissimas molduras, dados pelo Bispo fundador da igreja, que era grande amador das Belas Artes. Entre elles os de mais merecimento parecem ser: — Um quadro grande de S. Pedro na gruta, figura magestosa; outro grande que representa a Santa Familia; e um quadrosinho em cobre, no centro do colateral da direita, que parece da escola flamenga e ser pintura de merito.

O sr. comendador Antonio da Cunha Abreu Peixoto actual possuidor da Quinta e Convento que foi dos Frades Carmelitas Descalços, em Olhalvo, nasceu neste lugar em 3 de junho de 1845, e foram seus paes Gregorio José da Cunha Mendes e D. Anna José de Abreu Peixoto de Castro, senhora oriunda de um ramo da antiga e nobre familia dos Abreus, de Regalados. O sr. Abreu Peixoto casou em 3 de junho de 1880 com a sr.<sup>a</sup> D. Leonor Ernestina de Mendonça (Abrigada) de quem houve dois filhos: o mais velho Francisco, já fallecido — e Gregorio que vive e que, como seu pae, se dedicou á vida agricola.

O sr. Peixoto tem sido sempre um devotado agricultor e escrupuloso vinctur e viticultor; tendo introduzido nas suas propriedades todos os melhoramentos de que são susceptiveis, e adquirindo as meliores castas de uvas de que ha conhecimento, censeguiu produzir vinhos magnificos não só de pasto ou de mesa, como tambem licorosos, etc., e que já são bem conhecidos no pais e fóra d'elle.

Esta povoação de Olhalvo torna-se bastante interessante, já pela sua situação, já porque encerra memorias

de algum valor historico; assim existe aqui um solar de alguns descendentes de Damião de Goes: o antigo Recolhimento da Conceição, onde hoje se acham installadas as escolas publicas e a residencia parochial.

E' tambem notavel esta terra pelo seu proverbial aceio, com as ruas bem calçadas, casas bem caiadas e cuidadas etc, e está ligada ás estações do caminho de ferro do Carregado e Vila Franca por soffivel estrada a macadam e servida por diligencias diarias.

Tem abundancia de agua em poços publicos e particulares, e uma fonte muito antiga de magnifica agua potavel chamada a *Fonte do muro*, em cujas proximidades tem apparecido vestigios dos romanos, como amforas, moedas de curiosa investigação para os arquiologos, que tem em Olhalvo bom fundamento para seus estudos.



EGREJA DO CONVENTO DE OLHALVO



OLHALVO

## A morte de Alfredo Keil

### A morte de Alfredo Keil

Dolorosa surpresa nos colheu quando, na ultima sexta feira, 4, ao passarmos no Rocio, vimos, no mostrador da tabacaria Costa, uma fotografia de Alfredo Keil coberta de crepes!

Tinha morrido em Hamburgo o primoroso maestro e pintor, que conhecemos em sua infancia e de que ha muito admiravamos o talento e primoroso carater.

Alfredo Keil sofria desde algum tempo uma pertinax doenca de garganta a que os medicos portuguezes não poderam dar cura, aconselhando-o a ir á Alemanha tratar-se com um especialista.

Triste consolação era esta para o pobre enfermo, que, entretanto, a acciou como um raio de esperanza sorrindo-lhe ao longe.

Keil partiu no dia 23 do mez findo para Hamburgo, acompanhado de sua esposa, a sr. D. Cleyde Cinati, de seu filho Luis e do medico assistente sr. dr. Herman Medeiros.

Na cidade aleman encontrou a morte, depois de se ter sujeitado a duas operações dolorosas, socumbindo á terceira.

Não podemos calcular todo o sofrimento de Alfredo Keil nessas dolorosas operações, como incalculavel terá sido a dôr de sua viuva e filho no afflivo lance; mas a magua que nos doe ao traçar estas linhas, tão longe do pungente quadro, o sentimento que a



ALFREDO KEIL

(Cliché da fotografia Luzo-Brazeira)

noticia da morte do grande artista produziu em Lisboa, dá a medida daquella grande dôr, que chegou ao coração dos amigos, e até daquelles que apenas o conheciam por suas obras.

Vivia Alfredo Keil num certo circulo de admiradores de seus talentos artisticos, porque as suas obras não se popularisaram no grande publico. Pintor primoroso, as suas telas não se destinaram, por assim dizer, ao mercado artistico, e antes a decorar as salas de alguns amigos ou a figurarem numa ou outra galeria particular onde hoje serão guardadas como recordação preciosa do malogrado artista. Maestro, pronunciadamente lirico, as suas composições ascendiam á grande opera, onde o publico de Lisboa as apreciou, como em Italia foi opreciada a *Irene*, não eram, comtudo, de indole a popularisarem-se.

Entretanto quando, Alfredo Keil, levado pelo sentimento patriotico, compôs, em 1890, a musica para a poesia de Lopes de Mendonça, a *Portuguezsz*, vibrou a alma nacional, e o povo decorou essa musica, que por muito tempo foi cantada e tocada, até que o governo a prohibio.

Então teve Alfredo Keil a aura popular e dahi ficou seu nome mais conhecido do grande publico, como maestro. Nunca mais porem compôs musica para o povo, e quando uma vez o convidámos para escrever a partitura duma opereta que planeavamos, logo nos disse que não cultivava esse genero com o qual não sympathisava.

Alfredo Keil era um artista apaixonado



A SAHIDA DA EGREJA



(Quadros premiados de Alfredo Keil)

UMA BOA LAMINA





delicadas que constituem a minha epigrafe nas presentes linhas.

Definir o Bussaco, seja em verso, seja em prosa «como um altar» é definir com acerto e propriedade o que de veras a Natureza formou ara de Deus e os homens no tempo, distinguiram, avisados, para albergue dos seus corpos no profundo silencio da oração.

Mas, isto, em que consagrou a vontade dos simples o que era bello sem intervenção de creatura e em que foi consagrada a fascinação da paisagem pela presença dos desenganados do mundo, mas isto, que não é identificavel com interesses mesquinhos e com vaidades balôfas, está sendo abastardado por iconoclastas irreverentes, que nem sequer comprehendem o que valem moral e intrinsicamente os venerandos testemunhos das idades casadas a



No BUSSACO  
(De fotografia)

manifestações típicas da Natureza.

Não se conservassem os monjes no mosteiro do Bussaco, mas fosse mantido tudo o mais que existia ahí no momento em que a bandeira da patria, se desfaldou, ovante, no campo da batalha contra os taladores do sólo querido.

«Em honra da humanidade» — leio na ultima pagina de *O Bussaco*, e nunca vi aplicada a palavra — honra — com tanto fundamento e com tão legitima e louvavel isenção.

Uma lagrima de dó, para aquêles que têm pretendido pôr a mascara de mestiças produções indigestas na face da serra que os seculos respeitaram, os seculos, que passam por cima de homens e de bronzes, de cadáveres e de mausoléos !...

D. F. DE NORONHA.

## COUTO & VIANNA — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

## Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO  
«LISBOA»

Sempre bom sortido de camisas, camiselas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

**ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA**  
(o que ha de mais moderno)

**Executa-se toda a rouparia por medida**



**A melhor agua de mesa conhecida**  
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO - COLLARES  
GAZOSAS LITHINADAS

Aprovado por Alvará Régio de 30 de Novembro de 1900

Deposito geral:

Rua dos Correiros, 29, 2.º

LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## SÓ NÃO TEM CABELLO NEM BARBA QUEM QUER!!



## FAZEMOS NASCER

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo  
Remette-se com toda a discrição

MUITA gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabello abundante. Temos levado com o nosso **BALSAMO MOOTCY** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorre a nós pedindo o nosso auxilio e não recorre debalde! Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Pode-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba outra para o cabello, tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vas um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador

**300\$000 réis (trezentos mil réis)**

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **MOOTCY**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

**MOOTCY DEPOT, Eichholz, 9, em Hamburgo, 131.**

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.  
Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

A' venda em Lisboa na casa de  
**FERREIRA & FERREIRA**  
Rua da Prata, 101